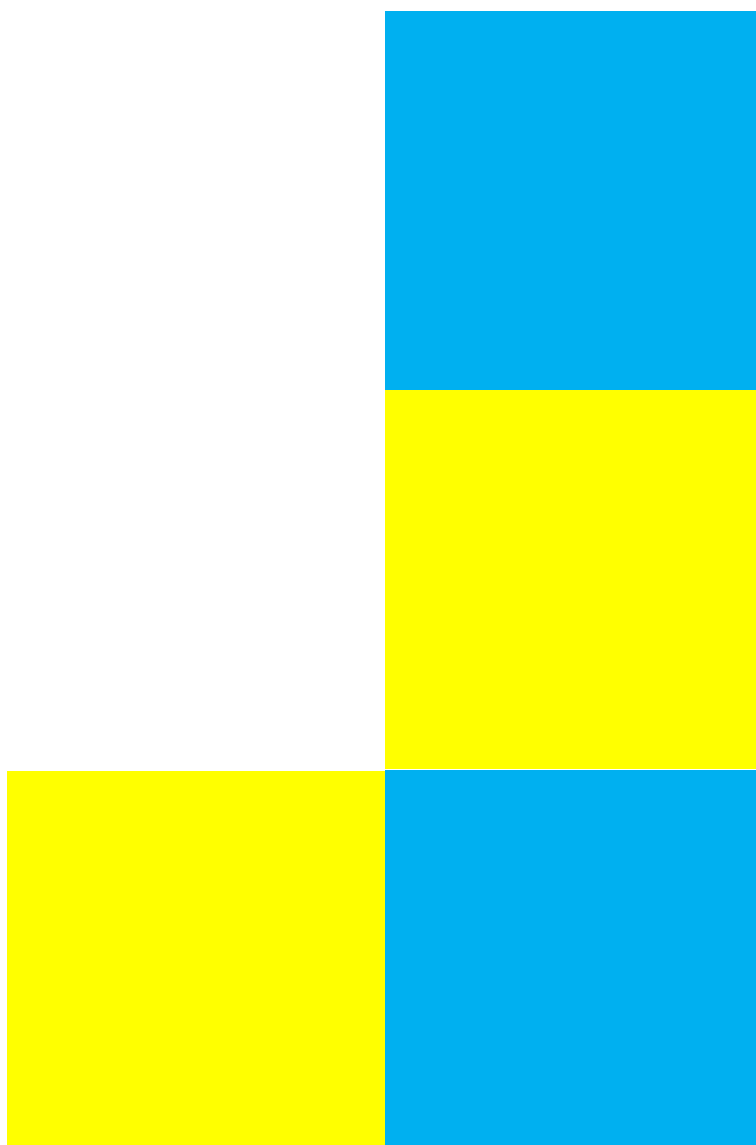
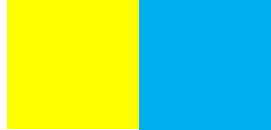


As políticas do pop: sofrência, funk carioca e o feminismo popular brasileiro

Mylene Mizrahi

Doutora em Antropologia Cultural pela UFRJ e período sanduíche na University College London. É professora adjunta no Departamento de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Coordena o Estetipop – Laboratório de Estéticas, Antropologia e Cultura Pop/Popular.





I.

Não é exatamente uma novidade o lugar que o trabalho de campo ocupa na identidade de cada antropólogo. Em meu caso, venho desenhando minha trajetória de pesquisa junto ao universo pop/popular brasileiro, mais especificamente o carioca, com vias a repensar as relações sociais. De maneira tal que a imersão nesse universo de significados responde, ao menos em parte, pelo modo como me faço antropóloga. Fui assim formada no baile funk (MIZRAHI, 2019) e junto a Mr. Catra e sua rede de relações (MIZRAHI, 2014). Mr. Catra, considerado pela crítica especializada o artista mais importante do funk carioca em seus primeiros 30 anos de existência, faleceu em fins de 2018, acometido de um câncer.¹ E foi Com Mr. Catra e seus parceiros de criação e de vida que aprendi não apenas sobre o funk carioca e sobre a criação artística, mas desvendei um Rio de Janeiro outro.

Ao fazer desse mundo pop/popular minha “área de investigação etnográfica”, não me interessou tanto sua dimensão massiva ou relativa à indústria cultural ou ainda seu caráter tradicional. Muito pelo contrário, interessam-me suas possibilidades criativas, inventivas e sobretudo subversivas. Subversivas de um certo estado das coisas, da ordem do pensamento e das categorias analíticas. E é por acreditar no poder que o artista pop tem de traduzir realidades complexas que nesse texto retorno ao mundo popular para pensar com seus artistas e ver como eles próprios estão fazendo e pensando a política.

Mas, se antes tive como interlocutor privilegiado um homem conhecido por suas falas explícitas em torno do sexo e das drogas, além de dono de uma sofisticada ironia, aqui quero somar o ponto de vista feminino. Não que antes eu tenha assumido uma ótica masculina, mas o fato de hoje serem as artistas mulheres a permitirem perspectivar o Brasil é uma novidade que não deve ser desprezada.

¹ Ver a análise de Silvio Essinger para O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/analise-mr-catra-foi-maior-figura-dos-primeiros-30-anos-do-funk-carioca-23054362#:~:text=RIO%20%2D%20Wagner%20Domingues%20Costa%2C%20o,rom%C3%A2ntico%2C%20de%20putaria...>>. Acesso em: 19/12/2021.

É assim com suas artistas – notadamente a cantora de sertanejo Marília Mendonça e, de modo mais tangencial, a cantora de pop funk Anitta – que atendo ao desafio para pensar o *político* para além da Política². Com elas elaborarei sobre as relações de poder a partir do gênero e mais especificamente do feminismo popular. Ao falar em feminismo, vale notar, não estou me posicionando em uma chave identitária. Muito diferentemente, argumento que olharmos o que as mulheres fazem pode permitir acessar aspectos e realidades que uma perspectiva macho-centrada não permitiria. Nos termos de Marilyn Strathern,

Feminist theory also has an interest in difference – in constantly bringing to mind the “difference it makes” to consider things from a perspective that includes women’s interests”.³
(STRATHERN, 1987, p. 286)

Com a perspectiva feminina vou assim em busca de uma multiplicidade que o capitalismo falocêntrico apaga.

II.

Notemos a imagem abaixo. A meu ver, ela ilustra bem como esse mundo organizado em torno de um certo homem, deixa de lado as nuances da vida social. Na imagem vemos sobrepostas a primeira página de três edições diferentes de uma mesma semana do jornal Valor Econômico. Ao reuni-las, a primeira impressão que temos é a de que tratam-se de exemplares repetidos de um mesmo dia. A diagramação das capas, podemos ver, é idêntica. Mas não é apenas isso.

² Esse texto foi inicialmente apresentado no seminário Conversas Multinômade | Moitará e se beneficia de uma provocação que reuniu ainda Lu Ornellas – importante liderança dos garis – e Sílvia Pinheiro, professora da PUC-Rio. Agradeço a seus comentários e aos dos colegas presentes, em especial Barbara Szaniecki, Giuseppe Cocco e Patricia Pavesi.

³ Em tradução livre: “A teoria feminista também tem interesse na diferença – no ter constantemente em mente ‘a diferença que faz’ considerar as coisas de uma perspectiva que inclua os interesses da mulher”.



Autor: Mylene Mizrahi

A matéria principal ocupa a parte central superior da página. Já a matéria subsidiária está disposta na lateral direita, enquanto as notícias de menor destaque encontram-se na coluna lateral esquerda. No canto direito do topo da página vemos o nome do jornal em destaque. No canto esquerdo superior vemos outros destaques e um pouco à direita desses a efígie de uma figura humana, de seu tronco para cima. E aqui reside a questão.

A figura humana que, esperaríamos, traria algum tipo de desequilíbrio ao arranjo milimétrico promovido pela logotipia e pela diagramação, na verdade o atualiza. Isso porque o “humano” aqui corresponde de fato ao homem universal que vem sendo

desconstruído desde fins dos anos 1970: do sexo masculino, branco e heterossexual. No caso da antropologia, desde que começamos a perguntar onde estaria a mulher nas representações etnográficas produzidas entre povos não ocidentais, feitas quase que exclusivamente por homens. Conformou-se aí o que se designou como “o problema da mulher”: o silenciamento e invisibilização das mulheres em pesquisas não apenas conduzidas por homens, mas que equalizaram o domínio do social à esfera pública e por conseguinte às atividades masculinas (RAPPORT e OVERING, 2000:141-153).

Esse viés parece seguir estruturando nossos entendimentos do que seria o público, o econômico e o político, tomados aqui de modo amplo e todos em extensão um ao outro. E nesse caso, a aparência e a indumentária nos ajudam a expandir a análise.

O “homem” representado pela efígie em Valor Econômico é um *white collar*. Ocupa, portanto, cargo de chefia ou posição hierárquica superior em alguma corporação e/ou instituição. Pertence ao mundo do trabalho, à esfera pública e por extensão à esfera do político. Seus cabelos são curtos e alinhados, o que reitera não apenas sua masculinidade, mas uma masculinidade hegemônica. Produzida por contraste à mulher, que se adorna, tem cabelos longos e pertenceria, sempre de acordo com esse nexos, ao domínio do a-social, do a-político, do doméstico. Em suma, pertenceria à Natureza (os afetos) enquanto o homem pertenceria à Cultura (domínio da Ciência e da Razão), para tirar partido daquele que foi identificado por Bruno Latour (1994), entre outros, como o Grande Divisor a organizar as Narrativas da Modernidade.⁴ Narrativas que seguem informando não apenas o nosso entendimento de riqueza como também de política.

III.

Os candidatos que se apresentam como concorrentes às próximas eleições para a Presidência da República são majoritariamente homens brancos e heterossexuais. Quase todos poderiam emprestar suas imagens à efígie que ilustra as capas de Valor, inclusive Eduardo Leite, até pouco tempo pré-candidato pelo PSDB e que tornou pública sua

⁴ Para uma análise do debate ver Stolze Lima e Goldman (1998).

homossexualidade. Com Leite podemos perguntar até onde classe e raça não respondem por uma hegemonia que o gênero, e em seu caso de fato a sexualidade, por si só não permite desestabilizar, aspecto que não poderei explorar aqui. Seja como for, as exceções no cenário atual das candidaturas são dadas por Luiz Inácio Lula da Silva – que talvez cultive sua barba para justamente romper com a representação hegemônica que uma imagem como a de Leite cristaliza – e por Simone Tebet, que oficializou sua candidatura em 15 de dezembro do corrente ano, a alguns dias de esse texto ser finalizado. Voltarei a ela.

Por ora quero trazer mais um outro dado para a discussão, o relativo ao crescimento exponencial e em escala global da riqueza imaterial e da produção de “bens intangíveis”.⁵ Esse cenário demandaria um reordenamento dos investimentos das empresas e do Estado e portanto um candidato à presidência não apenas atento a essa nova conjuntura, mas efetivamente apto a navegar por ela.

É de fato inquestionável os impactos que a economia digital traz para a vida social, em especial no que se refere à riqueza produzida, ao mundo do trabalho e aos modos de se fazer política. Mas para um pesquisador não apenas atento ao popular, mas que vem colocando atenção permanente na dimensão material da vida é inevitável perguntar sobre aquelas pessoas que, no fim das contas, mantêm a vida acontecendo. Aquelas mesmas que estão varrendo ruas, trocando a fiação dos postes, entregando quentinhas para que essa vida no digital seja tão profícua e para que a riqueza por ela produzida se materialize. A morte de Marília Mendonça só tornou essa pergunta mais premente.

IV.

Alfred Gell, o britânico que na década de 1990 reinventou a Antropologia da Arte, defendeu que o artista e o político, além do sacerdote, podem ser pensados em uma mesma chave. O que define seus fazeres e seus poderes são suas habilidades de se

⁵ Ver por exemplo o projeto de pesquisa da OECD, “New sources of growth: intangible assets” (<https://www.oecd.org/sti/inno/46349020.pdf>). Agradeço a Marcos Cavalcanti por essa informação.

distribuir pelo mundo. O artista não se define assim espaço-temporalmente, mas faz do mundo um testemunho de suas vidas, de suas trajetórias, ao deixar nele partes de si (GELL, 1998). Foi a partir desse enquadre e da noção de *conexões parciais* – com a qual Strathern conceitua a representação etnográfica como um todo análogo ao ciborgue, composto por partes que não podem engendrar um encaixe perfeito (STRATHERN, 2004 [1991]) – que com Mr. Catra conceituei o fazer artístico funk como um fazer conectivo: como a busca por colocar em contato, por meio de relações ambíguas, as diferentes partes do Rio de Janeiro. O artista pop é assim um conector de mundos e de diferenças (MIZRAHI, 2014; 2018), uma ideia em torno da qual sigo elaborando, como faço nesse texto.

É assim levando adiante essa formulação que escrevo esse artigo. Motivada, de um lado, pela busca por não apenas modos outros para se falar do político, mas de meios de acesso a realidades que a Política com p maiúsculo, feita majoritariamente por homens, não apenas não mostra como não vê. Mas o nexos entre estética e política – que venho perseguindo desde que passei a pensar o Rio de Janeiro, o funk e o artista com Mr. Catra – atende a ainda a outra inquietação a me mover nesse texto, e de forma talvez mais importante. Me refiro ao incômodo gerado pelo silêncio que encontrei em minhas redes, ou em parte delas, com a morte de Marília Mendonça. Pois, se de um lado acompanhei um país, ou um certo Brasil, parar estarecido com a morte da artista, do outro lado encontrei um silêncio absoluto entre pessoas que são em geral muito ágeis em manifestar um “descanse em paz” ao noticiar a partida de figuras proeminentes.

E se o dado numérico mais badalado em torno de Marília Mendonça é o de que sua conta no Instagram tem cerca de 42 milhões de seguidores, o que de fato me interessou foram as 100.000 pessoas que se aglomeraram, enfileiradas sob sol forte, para velar o corpo da artista. Para mim foi mesmo um alívio ver que há um Brasil, ainda saindo da Pandemia da Covid-19, para o qual é preciso reservar uma arena, como ocorreu na cidade de Goiânia, para que se despeça de um ente querido. É assim motivada por esse resgate da materialidade da vida feito por Marília, e por outras mulheres, que quero seguir para notar como elas trazem à tona aspectos que não parecem contemplados pelos

políticos e que desafiam a ideia de que a riqueza que faz a Terra girar é aquela produzida pela economia intangível.

Pois de fato, as mulheres se mexem. Vemos, por exemplo, a sacudida no debate das relações raciais e da vacina que causou a empresária Luiza Trajano. Ou como fez a cantora pop Anitta ainda ao princípio da Pandemia ao convocar outra mulher, a jornalista Gabriela Priolli, para juntas darem aula sobre as categorias básicas do debate político, como direita e esquerda, para seus cerca de 57 milhões de seguidores no Instagram. Anitta politiza seu público. Vale notar ainda que são as mulheres que desequilibram a balança dos votos e das intenções de votos a Jair Bolsonaro, uma assimetria que não vemos em relação a nenhum outro candidato, como mostram diferentes pesquisas.⁶

V.

Marília Mendonça faleceu no dia em que Mr. Catra faria aniversário. Me dei conta disso ao ler a linda postagem no Instagram de Silvia, a viúva de Mr. Catra, na qual ela lamentava como a tristeza inerente à ausência do marido foi acrescida da dor pela morte da cantora. Em seu *post*, Silvia reproduziu ainda um vídeo em que Marília dizia a Catra, já hospitalizado, que em breve se encontrariam para juntos gravarem uma música, como já teriam planejado. Marília foi a Rainha da Sofrência. Mr. Catra o Rei da Putaria.⁷ Por estranho que possa parecer, ambos traduziam, cada um a seu modo, pontos de vista do feminino. Catra dizia que a hora da Putaria era a “hora da mulherada”. Quem gostava de ouvir Putaria, dizia ele, era a mulher. Era também essa a hora em que a mulherada entrava em cena para dançar nos bailes de favela.

Marília passa de compositora a cantora profissional em um momento no qual as cantoras do sertanejo começavam a fazer sucesso junto a um gênero musical dominado

⁶ Ver por exemplo a Pesquisa Atlas “Eleição presidencial de 2022: Intenção de voto 27.11.2021 – 29.11.2021”. Disponível em <https://cdn.atlasintel.org/716ec97e-8337-4360-abc5-4428bdc6ce61.pdf>. Agradeço a Claudio Serricchio por fornecê-la.

⁷ Putaria e sofrência são denominações para dois distintos subgêneros musicais. O primeiro diz respeito às músicas do funk carioca de conteúdo erótico e sexual explícito, podendo ser composta por termos de baixo calão. O segundo refere-se às músicas de sertanejo que apostam na veia romântica e cantam as desilusões do amor não correspondido.

por homens. Ela captou e surfou uma onda feminista popular, no mesmo momento do levante feminino identificado como a quarta onda feminista. Mas se entre nós, intelectuais, tratou-se sempre de desfazer dualismos e ultrapassar modos binários de classificação dos sexos, com as sujeitas de Marília tratou-se de elaborar sobre os poderes do feminino em meio a relações de gênero tradicionais. A própria Marília diria que o feminismo expresso em suas músicas estava mais em sua atitude do que em seu sentido político. Mas havia um sentido político outro nessa sua atitude, diferente, certamente, do que, por exemplo, Anitta permitiria acessar, por meio do poder do corpo, como no famoso bordão “meu corpo minhas regras”. Ou da mimetização da performance masculina de distribuição de dinheiro.

Marília fez isso em ambientes e junto a um gênero musical até sua morte amplamente ignorados pela intelectualidade. E se nos últimos anos de sua breve carreira ela veio emagrecendo e passando por procedimentos estéticos, não se pode esquecer como ela resistiu aos padrões de beleza, acentuando sua loirice como meio de, quem sabe, conceder normalidade a um corpo gordo não normativo. Este certamente foi mais um de seus apelos em sua conquista do público feminino.

Se Mr. Catra apostou no erótico, Marília Mendonça apostou na veia romântica para, como nenhuma outra, capturar um ponto de vista diferente daquele a que nós costumamos equalizar com as reivindicações do feminino. Com seu feminejo, Marília fez música de e para mulheres, em situações cotidianas e comezinhos. Reivindicou a agência do feminino não tanto para subverter a ordem, mas afirmou a potência do feminino em meio a situações disruptivas e relações de gênero tradicionais. Ao mesmo tempo, posicionou a mulher traída e a amante no mesmo lado do jogo da traição, evitando assim os tão famosos duelos entre a fiel e a amante.

VI.

As relações de gênero nas classes populares brasileiras é tema dos mais espinhosos, tanto para a reflexão acadêmica quanto no que se refere ao debate intelectual mais amplo.

De alguma maneira somos recorrentemente remetidos à situação que Joanna Overing, ainda nos anos 1980, identificou como próprias às de *Catch 22*: enquanto estivermos presos aos paradigmas ocidentais sobre as relações de poder e enquanto as relações de gênero forem abordadas junto às categorias analíticas forjadas entre nós, a mulher estará sempre atrelada ao polo desvalorizado da análise (OVERING, 1986). E mais uma vez, a vestimenta e o corpo vem em nosso auxílio.

Se a mulher aposta na modéstia, é lida como submissa [a deus, ao marido, à igreja]. Se ela expõe seu corpo, está sendo objetificada [pelo homem, pelo mercado]. Se ela aposta nos poderes da beleza e da aparência, é fútil e consumista. Se ela se despe de seus adornos, está se masculinizando. E por aí vai.

É contra esse tipo de reducionismo que podemos considerar o artigo que Saba Mahmood publicou logo após os atentados de 11 de setembro de 2001 no Estados Unidos (MAHMOOD, 2001). Apoiada nos resultados de sua pesquisa de doutorado, conduzida entre mulheres do movimento pietista em mesquitas no Egito, Mahmood argumentava que, antes de tomarmos as mulheres no Islã como vítimas do patriarcado e esvaziadas de agência, era preciso que nos voltássemos para o que elas faziam e de fato reivindicavam. Em vez de nos preocuparmos se as mulheres sob o regime Talibã precisavam de “salvação”, como na formulação de Lila Abu-Lughod (2002), era preciso perguntar a elas do que e se de fato queriam ser salvas.

A despeito do debate apaixonado que a noção de agência suscita – seja nos estudos de gênero (MAHMOOD, 2005), seja na antropologia da arte (INGOLD, 2012) seja ainda no que se refere às relações de poder (RAPPORT e OVERING, 2000, p.1-9) – o ponto que me interessa no debate suscitado pelas antropólogas acima é o de que nós, intelectuais e mais especificamente mulheres intelectuais e acadêmicas, seguimos buscando em nosso próprio espelho os parâmetros com os quais apreendemos as mulheres do universo popular brasileiro. E nesse viés, o silêncio com a morte de Marília Mendonça nas redes ilustradas pode ser tomado como índice não apenas de uma impermeabilidade aos gostos populares, mas de uma certa recusa a entender o popular em seus próprios termos, produzindo efeitos, inclusive, na formulação das políticas públicas.

Em outros termos, o argumento que tento fazer com esse artigo é o de que, se de fato queremos repensar o Brasil, é preciso escutar as mulheres e ver o que elas estão fazendo. Como exemplarmente mostra a pesquisa de Denise Pimenta, a vivência das epidemias pelas mulheres substitui uma perspectiva “virocêntrica” por outra em que o que importa de fato pode ser a busca por garantir a água para cozinhar o arroz (PIMENTA, 2019).⁸

Note-se que não estou aqui propondo o exercício fácil de relativização ao qual também muito facilmente são subsumidos os impasses que a antropologia coloca. Muito ao contrário. A ideia é olhar essas mulheres e ouvir o que elas precisam e querem. Pois nunca é demais lembrar que não será o feminismo liberal que tanto nos agrada que nos ajudará nessa empreitada. E tampouco será suficiente ter políticas mulheres e em cargos de poder, sejam elas brancas ou negras, se estas seguirem regidas pelo que Nancy Fraser nomeou como feminismo dos 1% (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019). Aquele que transpõe de maneira universal as demandas produzidas com referência a um sujeito libertário e secular como próprias a “as mulheres” enquanto categoria genérica. Portanto tampouco é suficiente reivindicar “sororidade” – uma solidariedade que deveria existir de maneira quase que automática entre mulheres. Ou esperar que o vermelho dos trajés de, digamos, Simone Tebet – que certamente desestabiliza a sobriedade masculina dos paletós azul marinho, pretos, ou cinzas – seja garantia de abertura a esse feminino outro periférico.

Para encerrar, deixo um par de imagens e um par de perguntas. A imagem imediatamente abaixo retrata um agrupamento de mulheres diante de alguns dos 20 corpos de homens mortos em recente chacina em São Gonçalo, no Complexo do Salgueiro, retirados do mangue pelos próprios moradores da comunidade.⁹ Será que é equidade de gênero que elas reivindicam? Ou serão melhores e mínimas condições de vida para seus filhos, como uma criança por si mesma reivindica na carta escrita para o

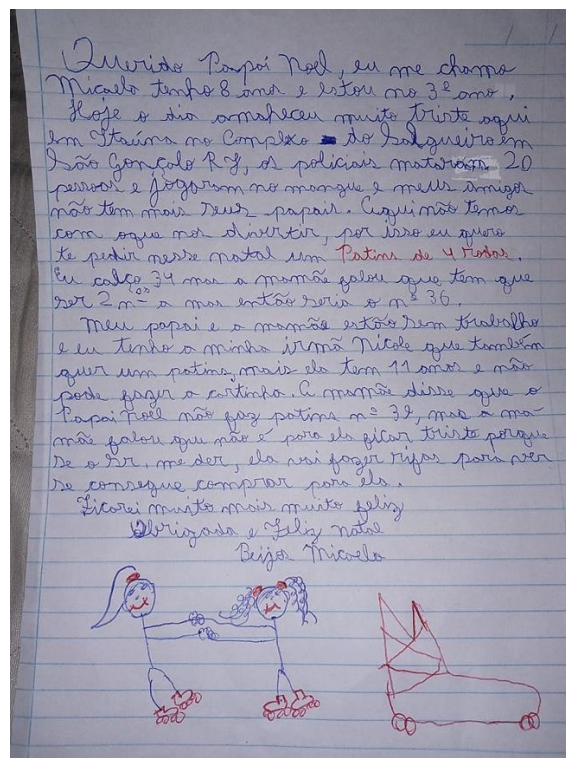
⁸ Outras jovens antropólogas vêm colocando o foco de suas pesquisas nas mulheres e na maternagem periféricas. Destaco as de Camila Pierobon (2018), Juliana Farias (2020) e Camila Fernandes (2021) e

⁹ A chacina aconteceu como vingança à morte de um sargento da PM, ocorrida no fim de semana de 20/11/2021. A fotografia e a reportagem original estão na edição impressa de O Globo de 24/11/2021.

Papai Noel e ainda sob os impactos da mesma chacina?¹⁰ Marília Mendonça, como faz o bom artista pop, captou os anseios de seu público. É dessa perspectiva que, espero, o universo pop brasileiro ajude-nos a pensar.



Fonte: O Globo, 24/11/2021



Fonte: Brasil de Fato, 15/12/2021

¹⁰ Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/15/em-carta-ao-papai-noel-crianca-conta-operacao-no-salgueiro-mataram-20-e-jogaram-no-mangue> >. Acesso em: 20/12/2021.

Referências bibliográficas:

ABU-LUGHOD, L. Do Muslim Women Really Need Saving? Anthropological Reflections on Cultural Relativism and Its Others. **American Anthropologist**, Nova Jersey, Vol. 104, No 3, pp. 783-790, September, 2002.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER N. **Feminismo para os 99%: um Manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FARIAS, F. **Governo de mortes: uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2020. 320p.

FERNANDES, C. **Figuras da Causação: as Novinhas, as Mães Nervosas e as Mães que abandonam os Filhos**. Rio de Janeiro: Editora telha, 2021.

GELL, A. **Art and agency: an anthropological theory**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Vol. 18, No 37, pp. 25-44, jan./jun. 2012.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MAHMOOD, S. Feminist Theory, Embodiment, and the Docile Agent: Some Reflections on the Egyptian Islamic Revival. **Cultural Anthropology**, Vol. 16, No. 2, pp. 202-236, May, 2001.

MAHMOOD, S. **Politics of piety: the Islamic revival and the feminist subject**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2005.

MIZRAHI, M. **A estética funk carioca: criação e conectividade em Mr. Catra**. Rio de Janeiro: 7 Letras : UFRJ, 2014. Coleção Sociologia e Antropologia.

MIZRAHI, M. Mr. Catra e sua vontade pela margem. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, Vol. 38, No 3, pp. 19-40, 2018.

MIZRAHI, M. **Figurino funk: roupa, corpo e dança em um baile carioca**. Rio de Janeiro: 7 Letras : UFRJ, 2019. Coleção Sociologia e Antropologia.

OVERING, J. Men control women?: the 'catch 22' in the analysis of gender. **International Journal of Moral and Social Studies**. Vol. 1, No 2, pp. 135-156, Summer, 1986.

PIEROBON, C. **Tempos que duram, lutas que não acabam**: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate. 2018. 325 fls. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PIMENTA, Denise. **O cuidado perigoso**: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (A epidemia do ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas). 2019. 355 fls. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RAPPORT, N. e OVERING, J. 2000. Agency. In: **Social and cultural anthropology**: the key concepts. London, New York: Routledge. pp. 1-9.

RAPPORT, N. & OVERING, J. 2000. Gender. In: **Social and cultural anthropology**: the key concepts. London, New York: Routledge. pp. 141-153.

STOLZE LIMA, T. e GOLDMAN, M. Como se faz um grande divisor: etnologia das sociedades indígenas e antropologia das sociedades complexas. **Sexta Feira**, No. 3, pp. 38-45, outubro, 1998.

STRATHERN, M. An Awkward Relationship: The Case of Feminism and Anthropology. **Signs**, Chicago, Vol. 12, No. 2, pp. 276-292, Winter, 1987.

STRATHERN, M. **Partial connections**. Altamira Press. 2ª ed, 2004 [1991].